

# Crueldades nas Guerras

*Braz de Sousa Arruda*

E' opinião quasi geral que não são as guerras modernas tão crueis quanto as antigas, notadamente no modo de tratar prisioneiros. Referimo-nos às lutas internacionais ou entre povos sóberanos. Das civís diremos duas breves palavras no final deste artigo. O próprio saudoso mestre PEDRO LESSA compartia a opinião vulgar, como se vê nas seguintes palavras que passo a transcrever textualmente, desaviado o grande brasileiro provavelmente pelos seus estudos de gabinete. "Civilizou-se muito a guerra. A Convenção de Genebra de 1864 pôs em prática a regra: *Hostes, dum vulnerati, fratres*".

Sentimos não poder compartilhar a opinião do grande jurisconsulto. Dele dissentimos inteiramente.

Realmente não houve falta de atrocidade nas guerras antigas. Não se abrandou porém a dureza nos corações humanos de hoje. Apontam-se para tipo das torturas infligidas pelos vencedores as que eram applicadas pelo povo judeu, e cita-se o livro de Josué. A verdade porém é que os assírios e outros povos antigos nada ficaram a dever ao povo eleito de Deus. (MALET, Historia Antiga, pag. 56). Os gregos, que se ufanavam de sua elevada cultura, eram crudelissimos com seus prisioneiros. Os atenienses cortavam os dedos dos vencidos para que não mais pudessem manejar a lança e a espada. Exilaram HERMOCRATA, porque lhes pediu que tratassem com humanidade seus prisioneiros. JULIO CESAR, que se diz, graças quiçá às louvaminhas de CICERO (*Pro Ligario*), incapaz de crueldade a não ser a cometida em relação a VERCINGETORIX, fez decepar as mãos dos defen-

sores de Uxelodunum pelo *crime* de bravura na defesa de seus lares. Era ésta a mansuetude, a tão decantada mansuetude, a magnanimidade de Cesar! Não quis CARLOS MAGNO, na Idade Média, deixar esquecido o fervor religioso de JOSUÉ, e pôde ser cognominado o novo JOSUÉ (VAN PAASEN, Estes Dias Tumultuosos, pag. 315).

Mas, neste capitulo, nada ficaram a dever aos antigos os modernos: eis o assunto do presente artigo.

Logo na aurora do seculo XIX, encontra-se BONAPARTE massacrando prisioneiros que fizera após a tomada e o saque de Jafa... Durante a guerra franco-prussiana foram os prisioneiros franceses, sem distinção, obrigados a trabalhos forçados, recebendo alimentação de irracionais, e expostos ao rigorosissimo frio, inteiramente sem abrigos... O livro de contos publicado sob o titulo *Soirées de Médan* dá uma longínqua idéia das barbaridades dos vencedores no territorio francês quando ocupado... Em sua celebre *Débâcle*, refere ZOLA que os prisioneiros franceses eram operados sem a anestesia pelo clorofórmio ou por outro processo medicinal. Que caridade! Que observância da regra *hostes, dum vulnerati!*... Na denominada *grande guerra* (1914 a 1918) aperfeiçoaram os alemães sua selvageria com o emprêgo dos *gazes asfixiantes*, em cujo manejo se tornaram muito hábeis. Mas aquí se nos depara a objeção: porque cessou quasi inteiramente o uso dos gases venenosos, porque rara é hoje a *guerra química*, porque foi ela solenemente condenada pelos povos cultos ou civilizados? Muito facil é a resposta a tal contestação. Como é sabido, nossos aborígenes raramente envenenavam suas frechas, mas isto, não por espírito de humanidade ou caridade, e sim porque julgavam que o veneno prejudicava a qualidade da carne, visto como, sendo antropófagos, a guerra para eles era uma caçada, estranhando mesmo que os portugueses matassem o inimigo, e não lhe devorassem o cadaver. Enganavam-se quanto ao sacrificio da iguaria: o *curare* que, no Norte, é empregado para a caça, não torna venenosa a carne do animal morto; o *timbó* que, no Sul, é usado para

as pescarias, não estraga a carne do peixe. Os alemães tinham motivo diverso, mas análogo, do ponto de vista egoístico, para se absterem da guerra química, e vinha a ser saberem quais os perigos a que expunham seus compatriotas. O *gaz iperitê* matou mais alemães do que franceses (*Ligt e Langevin*). Nos momentos de desespero, os povos modernos continuam a recorrer aos tóxicos, à guerra química. Na atual guerra foi verificado que os crudelíssimos japoneses estavam a usar de gazes asfixiantes lançados de aviões por meio de bombas.

Prossigamos.

Oficiais militares inventaram um novo suplício. Mandam sejam levadas em aviões suas vítimas e atiradas de elevadíssima altura sobre o solo. (VAN PAASEN, Estes Dias, pags. 294 e 295). Tal invenção os faz êmulos de TORQUEMADA. Tornou-se fato comezinho por qualquer falta ordenar um oficial, a título de disciplina, seja exterminado um baalhão que lhe foi entregue. Entre barbaros, natural é que esperemos sejam comuns as crueldades narradas por VAN PAASEN como sendo ocorridas na Etiópia, sob o reinado de SALASSIÉ. Já no tempo de seu antecessor MENELIQUE, foram castrados os vencidos na batalha de Aba Garimá.

Que dizer dos feros, dos sanguinários japoneses? Um só fato basta para lhes dar o primeiro lugar entre os mais deshumanos contemporâneos: *Porto Artur*... Tudo quanto DANTE imaginou para seu Inferno está longe do ideado pelos selvagens amarelos do Extremo Oriente. Mas, como em tudo, ainda nos mais tristes quadros, ha sempre uma nota cômica, recordemo-nos de que os japoneses verteram lágrimas, quando, em represália pelo inesperado ataque a *Pearl-Harbour*, bombardearam os americanos a capital do Japão! Si alguém nutre dúvidas sobre o que é o japonês, do ponto de vista da crueldade, recomendamos-lhe a leitura do belo e celebre artigo *Unknown Japan*, escrito por PRICE no *The National Geographic Magazin*, 82/244 e s. Ali verá o leitor que tão grande é a deshumanidade do povo japonês (*ruthless*, como diz o autor) que provocou uma geral anti-

patia em todos os seus infelizes vizinhos, suas principais vítimas (pag. 252). Deixemos porém os selvagens sócios da Alemanha no Extremo Oriente, e ocupemo-nos com o que se passa na cultíssima Europa.

Ha o caso dos *refens* e o dos prisioneiros aguilhoados pelos hitleristas.

*Refens* — eram as pessoas destinadas a garantir o cumprimento de certas convenções. Os mais célebres foram, em Roma, RÉGULO, e, em Portugal, EGAS MONIZ. As leis de guerra modernas proibiram essa forma de fiança. Agora porém instituíram os alemães uma outra especie de *refens* até hoje desconhecida: inocentes que são presos para serem arcabuzados *ad terrendum*. Dir-nos-ão que, ao tempo do nascimento de CRISTO, já HERODES determinou a *matança dos inocentes*. Diferente era o motivo da carnificina decretada pelo governador da Judéia: tratava ele de evitar o perigo de aparecer um rei para Roma. Era a medida uma arma de defesa, a crer na letra escriturítica ou dos Evangelhos. Não pensava o romano dar à medida um carater de recurso *ad terrendum*. Seja-nos permitido um incidente para provar quanto se tem barbarizado o mundo depois da grande guerra (1914 a 1918). Logo após a terminação da guerra, por volta de 1920, foi nesta capital exibido um *film* em que era representado um oficial alemão fazendo arcabuzar um inocente para exemplo de seu exército. O *film* nada tinha de ofensivo ao povo alemão, porque se representava nele também outro oficial que se opunha a tal crueldade, e que tudo sacrificava para evitar semelhante injustiça, e salvar a desgraçada vítima. Nestas condições, é claro que bem podia ser considerado uma exceção o emulo de HERODES. Pois bem. Levantou-se na colônia alemã um clamor geral, horrorizada por ter sido atribuída a um militar alemão uma tal selvageria. Agora entretanto o governo hitlerista promete matar, e, de fato, mata milhões dos denominados *refens*, e ninguém, na colônia alemã, levanta a voz para condenar o ato sem precedentes dos nazistas. E' forte testemunho, é incon-

testavel documento de quanto tem crescido a atrocidade no espirito dos nazistas.

E as *algemas*? E' contra as idéias caridosas modernas serem algemados mesmo os delinquentes. Apelaremos para a Constituição de 1891, que, em seu art. 72 § 20, aboliu a pena de galés. Valer-nos-á o D. n.º 4824 de 22 de Novembro de 1871, que proibiu sejam amarrados os presos (art. 28). Assim é no Brasil, e os nazistas estão a algemar os prisioneiros, ufanando-se de tal medida a titulo de supostas represálias, quando deveriam envergonhar-se de dar um espetáculo dessa natureza ao mundo civilizado.

Ha alguns anos, foi indicado, mantendo tradição antiga, fossem poupados nas guerras velhos, mulheres, crianças, doentes e todos os incapazes de lutar no campo de batalha. Agora, modificou-se isto. Afirmava-se que essa gente que compõe a denominada *retaguarda*, sendo mais fraca corporalmente, tambem o sería espiritualmente, e que assim concorreria perante seu govêrno para ser logo alcançada a paz. Foi naturalmente abeberada nessas idéias que a Alemanha arrasou Coventry, e que o Japão bombardeou de surpresa *Pearl-Harbour*. A medida não deu o resultado que se esperou, e ficou provado que a chamada *retaguarda* das nações briosas é tão enérgica quanto a *vanguarda*, que verte seu sangue nos campos cruentos da luta.

Do que acabamos de narrar, parece que se póde concluir que todo o progresso do Direito Internacional, na Europa e na Ásia, se fez sómente no papel.

IHERING afirmou que a escravidão foi um grande melhoramento para a humanidade, porque, desde que foi instituida, o vencedor poupava, por seu próprio interesse, a vida do vencido. Não nos parece tenha razão o jurisculto alemão. Sabemos, pela triste experiência da escravidão no Brasil, que muitos foram os africanos, esses desprezados por Hitler, como sendo de uma raça inferior á dos nazistas, que preferiram suicidar-se a soffrerem os horrores do cativoiro.

Passaremos agora ao estudo do que ha em relação á *guerra civil*. Ninguém nega que cessam então todos os sentimentos humanos em quaisquer povos. O próprio Brasil, o piedoso e humano Brasil, que nunca se lembrou de fazer represálias contra as barbaridades dos paraguaios, barbaridades que datam de época anterior ao começo da guerra contra LOPES, o próprio Brasil não pôde escusar-se de atrocidades na revolta de 1893, nem poderá recordar-se das mortes de Batovi e Serro Azul sem que se penitencie de sua culpa. Esta exaltação de sentimentos existiu até mesmo nos Estados Unidos do Norte ao tempo da *guerra do secesso*. Ninguém ignora o que fizeram os vencedores em relação aos seus irmãos vencidos, pondo-os, após a guerra, mesmo sob o govêrno dos pretos, antigos escravos (MALET e ISAAC, Hist. Cont., pag. 550 e s.). Uma anedota, narrada na importante obra *Modern Eloquence*, mostra a que gráu chegou a exaltação dos ânimos. Lutando em campos opostos pái e filho, foi o pái feito prisioneiro, e tomou a liberdade de olhar pela porta da prisão. “His son hastily advanced, piece at the shoulder, with a sharp: *Get back there, you, old rebel.*” E’ eloquente o que diz o livro da Eloquencia Moderna (Vol. 10, pag. 85)!

Admiremos esse JUNIO BRUTO de fancaria: em Roma, o filho era executado pelo pái; na América do Norte, é o pái ameaçado de morte pelo filho... Consequencias da paixão política.

Mas chegamos ao termo da viagem. O Brasil, por sua tolerância, por seu sistema de recorrer, em todas as suas questões internacionais, ao arbitramento, tem tido poucas guerras. Fóra a do Rio da Prata em 1826, e, depois, ainda no I.º Império, a com a Província Cisplatina, só se viu envolvido na com o Paraguai. Nesta última fez prisioneiros em elevado número. Só em Uruguaiana, se lhe renderam mais de cinco mil inimigos, e entre eles se achava o coronel ESTIGARRIBIA. Foram tratados pelos brasileiros como si fossem irmãos nossos. ESTIGARRIBIA aquí se conservou até o fim da luta em 1870. Os raros octogenários e nonagenários

que ainda hoje vivem no Rio de Janeiro, sabem como se mostrou o Brasil humano para com seus prisioneiros. Nunca se falou em represálias pelo brutal tratamento que foi na república inimiga dado ao coronel FRANCISCO CARNEIRO DE CAMPOS, nem pelo aprisionamento em plena paz, do navio mercante brasileiro *Marquês de Olinda* e pela captura de seus passageiros pelo vaso de guerra paraguáio *Taquari*, nem por outras flagrantes violações dos mais comezinhos principios do Direito Internacional praticadas por LOPES. E' este um dos muitos motivos por que me ufano de ser brasileiro. Os brasileiros são na realidade o que CÍCERO *dizia* ter sido JULIO CESAR: magnânicos, hospitaleiros, generosos, ricos das mais nobres qualidades, sem deixarem de ser bravos nas lutas cruentas..

São Paulo, 21 de Outubro de 1942.